

DO PORTO AO PONTAL

Encontros e reflexões na orla do Guaíba

FROM PORTO TO PONTAL
Meetings and reflections on the edge of Guaíba

Jordana da Silva Berchon¹ e Hellen Zanoletti Firmino²

Resumo

O texto apresenta a ideia de que caminhar pela cidade pode proporcionar encontros significativos consigo mesmo, com a cidade e com os outros. Esses encontros podem levar a reflexões profundas, autoconhecimento, descobertas e conexões significativas. Além disso, caminhar pela cidade permite observar e apreciar diferentes culturas, arquitetura, história e paisagens urbanas. A importância dos encontros intensivos está no fato de que eles fornecem uma perspectiva única sobre a cidade que não pode ser capturada nos planos e mapas da cidade. Esses encontros podem ajudar a entender melhor as tensões e desafios que existem na cidade, como desigualdades sociais, segregação e exclusão. Ao prestar atenção a esses encontros, podemos começar a compreender melhor como as pessoas experimentam a cidade e as interações sociais que ocorrem nela. O objetivo do texto é experienciar a partir do caminhar pela borda que abrange os locais de interesse das nossas pesquisas, desde o Porto até o Pontal. Destaca-se a importância de um desenvolvimento urbano que leve em consideração a inclusão e o bem-estar de todos os habitantes, promovendo uma simbiose positiva entre as diferentes camadas sociais.

Palavras-chave: caminhar, percepção, revitalização, borda, Orla do Guaíba.

Abstract

The text presents the idea that walking through the city can provide meaningful encounters with oneself, with the city and with others. These meetings can lead to deep reflections, self-knowledge, discoveries and meaningful connections. In addition, walking around the city allows you to observe and appreciate different cultures, architecture, history and urban landscapes. The importance of intensive encounters is in providing a unique perspective on the city that cannot be captured on city plans and maps. These meetings can help to better understand the tensions and challenges that exist in the city, such as social inequalities, segregation and exclusion. By paying attention to these encounters, we can begin to better understand how people experience the city and the social interactions that take place there. The purpose of the text is to experience from walking along the edge that covers the places of interest of our research, from Porto to Pontal. The importance of urban development that takes into account inclusion and well-being of all inhabitants, promoting a positive symbiosis among different social layers, stands out.

Keywords: to walk, perception, revitalization, edge, Edge of Guaíba.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas (PROGRAU/UFPEL). E-mail: jsberchon@gmail.com

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas (PROGRAU/UFPEL). E-mail: arqhellen@gmail.com

Introdução

Ao caminhar estamos sendo a cidade por um instante. O caminhar faz parte do nosso dia a dia. Somos duas mulheres, brancas, arquitetas e urbanistas, acadêmicas de um curso de pós-graduação, que estimuladas por nossas inquietações, decidimos fazer um recorde de parte do centro de Porto Alegre, Rio grande do Sul, cidade onde residimos, mais precisamente parte da orla do Guaíba, para entender as complexidades do local e seus novos usos. No cartão postal mais conhecido da cidade, nos desafiamos a fazer um percurso investigativo a pé, tentando nos aproximar da borda do rio, utilizando o caminhar e os movimentos dos corpos, fazendo uma leitura subjetiva e intensiva dos encontros com nós mesmos, com a cidade e com os outros.

Com isso, é possível desenvolver uma maior compreensão sobre si e sobre o mundo que nos rodeia. Esses encontros podem ser momentos de reflexão profunda, de autoconhecimento, de descobertas e de conexões significativas. Ao nos encontrar, é possível refletir sobre nossas emoções, pensamentos, desejos e necessidades. É um momento para questionar nossas crenças, valores e identidade, e para nos conectar com nossas aspirações e propósitos.

Ao se encontrar com a cidade, podemos refletir sobre como nossas ações e comportamentos afetam o meio ambiente e as pessoas que vivem ao nosso redor, bem como, o ambiente que estamos inseridas, e como somos afetadas por ele. Podemos observar e apreciar diferentes culturas, arquitetura, história e paisagens urbanas. Para Lineu Castello (2007), o homem não possui apenas uma existência social, ele possui, acima de tudo, uma existência física, ocupando espaços onde quer que ele esteja, percebendo o ambiente ao seu redor, construindo um sistema conceitual a partir da experiência, que o permite identificar o que representa cada uma das edificações à sua volta. Os espaços públicos têm importância fundamental na construção de uma identidade coletiva e de socialização.

Ao se encontrar com o outro, podemos aprender sobre diferentes perspectivas e experiências de vida, praticar empatia e compaixão, desenvolver relacionamentos mais significativos e autênticos. Nesses encontros, podem ser desafiadores e desconfortáveis, mas também podem ser extremamente enriquecedores e transformadores. Eles nos ajudam a expandir nossas capacidades de compreensão, adaptação e resolução de problemas, e nos tornam mais conscientes e responsáveis como indivíduos, membros da sociedade e o espaço urbano.

Segundo Luiz Orlandi (2014), os encontros intensivos são dominantes, intensos, profundos, estimulando o pensar, o agir, o sentir e o imaginar. A importância desses encontros está no fato de que eles fornecem uma perspectiva única sobre a cidade que não pode ser capturada nos planos e mapas da cidade. Eles nos permitem experimentar a cidade de uma forma mais orgânica e imprevisível, que muitas vezes é ausente nas áreas urbanas planejadas e controladas. Além disso, esses encontros podem nos ajudar a entender melhor as tensões e desafios que existem na cidade, como desigualdades sociais, segregação e exclusão. Ao prestar atenção a esses encontros, podemos começar a compreender melhor como as pessoas experimentam a cidade e as interações sociais que ocorrem nela. Em resumo, esses encontros inesperados são importantes porque nos permitem ver a cidade de uma forma mais rica e complexa, ajudando-nos a compreender melhor sua dinâmica e os desafios que enfrenta.

O objetivo do texto é experienciar a partir do caminhar pela borda que abrange os locais de interesse das nossas pesquisas, desde o Porto até o Pontal. O texto propõe uma abordagem dinâmica, em que os caminhantes se movem de forma fluída e intensa, buscando uma leitura precisa das subjetividades envolvidas na interação entre os



corpos e a cidade. A intenção é entender a relação entre os diferentes trechos que compõem a orla e como estes se conectam entre si. Isso envolve observar e analisar as camadas sociais, culturais e históricas envolvidas no caminhar na cidade - nós, os outros e a própria cidade. Essa abordagem pode ajudar a compreender melhor as complexidades das interações humanas, bem como as questões socioeconômicas e culturais envolvidas, além de compreender a relação entre os vários trechos que compõem este recorte da borda do Guaíba e como está a conexão entre eles.

O conceito e a teoria nos suportam no trajeto percorrido pelo corpo e mente

Ao percorrer as ruas de uma cidade, estamos temporariamente imersos em sua identidade e história. Através da observação minuciosa da arquitetura, da cultura e dos habitantes locais, absorvemos nuances e traços distintivos da identidade urbana, contribuindo, assim, para nossa própria história pessoal. Além disso, ao interagir com o território, podemos descobrir novos lugares, conhecer pessoas e vivenciar experiências inéditas, tornando-nos parte integrante da história da cidade e contribuindo para a sua evolução e desenvolvimento. Isso é reflexo, portanto, da singularidade da experiência de caminhar pela cidade e como esta nos conecta com sua identidade e com as pessoas que a habitam.

A perspectiva de Michel de Certeau (1998) sobre a caminhada destaca a importância desta prática como um meio de compreender e transformar o espaço urbano em um lugar com significado pessoal. A caminhada não é apenas um meio de transporte, mas uma prática que permite aos indivíduos explorar e se envolver intimamente com o ambiente urbano, percebendo detalhes muitas vezes ignorados por outros meios de locomoção. Ao caminhar, os indivíduos descobrem novos espaços e lugares menos conhecidos, criando uma sensação de aventura e descoberta. Essa prática se torna uma forma de abordar os múltiplos aspectos da vida urbana, transformando-a em um espaço pessoal e significativo. Caminhamos, perdendo tempo para ganhar espaço (CARERI, 2013), valorizamos os lugares de forma criativa e inovadora, a fim de criar oportunidades para ativar os processos de identificação e valorização do território.

O caminhar é uma ação que apresenta vários aspectos na interação entre o humano e o lugar e o impacto que os lugares têm nas pessoas. Aqui nos apropriamos da “Teoria da Deriva” que nos liberta a buscar a fluidez do caminho ao explorar a cidade, e o conceito “Sense of Place” ou *senso de lugar* que nos ampara e explica aspectos fundamentais, podendo ser eficaz na avaliação e tendência das pessoas nos lugares. O senso de lugar é a relação entre o homem, sua imagem e características ambientais. Quando o homem é afetado por influências objetivas e externas do ambiente (paisagem, cheiro, som) estas levam a várias associações ao lugar. Sendo um conceito que abrange aspectos físicos e psicológicos na relação entre humanos e ambiente construído, atribuindo um determinado comportamento.

A interação entre humanos e lugares se dá em três dimensões: cognitiva, comportamental e emocional. Aspectos cognitivos da interação são levados à percepção espacial e durante isso, as pessoas conhecem os elementos ambientais e os utilizam para navegar em seu caminho. Os aspectos comportamentais da interação são mencionados para descrever a forma de como as pessoas se relacionam e se comportam em relação ao ambiente e às atividades que realizam. A interação emocional com o lugar aponta para a satisfação e vínculo, neste sentido as experiências das pessoas são as principais ferramentas de sua percepção. Sem esquecer a *estrutura do comportamento* trazida por Merleau-Ponty (1975) que configura a concepção de comportamento como ato de consciência perceptiva, quando cita que o corpo físico é a dimensão intermediária na qual o limite entre o interno e externo, entre o ato puro de consciência e a operação estrutural do corpo no espaço. O sentido de lugar é um conceito abrangente que nele os homens sentem os lugares, os percebem e lhes atribuem significados. (HASCHEMNEZHAD et al, 2013, p. 5).

A teoria da deriva propõe que o caminhante se liberte e se permita explorar a cidade de forma livre, seguindo seu próprio caminho e suas próprias escolhas, apresentando a errância voluntária pelas ruas, considerando o meio político-estético que transcende o âmbito da arte. A ideia é que, ao se deslocar dessa forma, o caminhante possa descobrir novos lugares, experiências e sensações que não seriam possíveis em um passeio tradicional. Além disso, a teoria da deriva propõe uma crítica ao urbanismo moderno, que muitas vezes privilegia o uso do carro em detrimento do andar a pé. Ao caminhar pela cidade, o caminhante pode perceber as conexões entre os lugares, as mudanças na paisagem urbana e as diferentes formas como as pessoas utilizam e interagem com o espaço público. Assim, a teoria da deriva pode ser vista como uma forma de resistência às lógicas dominantes da cidade, que muitas vezes são guiadas pelo consumo e pela eficiência em detrimento da qualidade de vida dos habitantes. Ao permitir uma experiência mais lúdica e livre da cidade, o caminhante pode desenvolver um olhar mais crítico e sensível em relação ao espaço urbano, contribuindo para uma cidade mais justa e humana.

Na cidade atual, essa idéia de periodização é ainda presente; é presente nas cidades que encontramos ao longo da história, porque cada uma delas nasce com características próprias, ligadas às necessidades e possibilidades da época, e é presente no presente, à medida que o espaço é formado pelo menos de dois elementos: a materialidade e as relações sociais (SANTOS, 2001, p.1).

As errâncias urbanas são um fenômeno cada vez mais presente em nossas cidades. Trata-se do ato de vagar sem um destino específico pelas ruas e espaços públicos urbanos, muitas vezes em busca de experiências e vivências urbanas únicas. Essas práticas podem ser vistas como uma forma de resistência e ocupação do espaço urbano, mas também podem gerar conflitos com as normas e regras impostas pelas autoridades e instituições que controlam e regulamentam o uso do espaço público. Além disso, as errâncias urbanas também podem trazer à tona questões como o direito à cidade e a importância do acesso igualitário aos espaços públicos para todos os cidadãos. Segundo Jacques (2012), o errante experimenta a cidade através de peregrinações, participando ativamente das experiências na cidade, formando três características: a propriedade de se perder, a lentidão e a corporeidade. A propriedade de se perder pode ser vista como resultado da falta de busca por orientação. Na verdade, o errante muitas vezes deseja justamente experimentar a desorientação, buscando novas perspectivas e sensações. A lentidão característica dos errantes é um contraponto à velocidade frenética da vida contemporânea, sendo uma forma de resistência ao ritmo acelerado imposto pela sociedade. A corporeidade é um elemento importante na prática do errante, pois ela conecta o corpo físico do indivíduo ao corpo da cidade, estabelecendo uma relação íntima entre a pessoa e o ambiente urbano que a cerca. Essa relação é construída por meio do ato de percorrer o território, explorando suas nuances e particularidades. Dessa forma, o ato de errar pelas ruas pode ser visto como uma forma de exercer a liberdade individual e de se conectar com a cidade de maneira mais profunda e significativa.

O errante vai de encontro à alteridade na cidade, ao outro, aos vários outros, à diferença, aos vários diferentes; ele vê a cidade como um terreno de jogos e de experiências. Além de propor, experimentar e jogar, os errantes buscam também transmitir essas experiências através de suas narrativas errantes. São relatos daqueles que erraram sem objetivo preciso, mas com uma intenção clara de errar e de compartilhar essas experiências (JACQUES, 2012, p.23).

As teorias do senso de lugar, derivas e errâncias urbanas são temas centrais na narrativa urbana contemporânea. Ao percorrer as ruas, praças e vielas da cidade, o caminhante é capaz de capturar as múltiplas facetas da vida urbana, desde a arquitetura dos prédios até as interações sociais que acontecem nas calçadas, as sensações que o corpo produz e a interação dele com a cidade e suas subjetividades. Essas narrativas oferecem uma visão panorâmica da cidade, revelando padrões e fluxos que são invisíveis para quem se limita a caminhar pelas ruas. Além disso, permitem ao escritor explorar não apenas a experiência individual do caminhante, mas também as complexidades do espaço urbano em si e as trocas com o meio. Por meio dessas narrativas, podemos analisar questões como gentrificação, segregação urbana, apropriação do espaço público e a luta por identidade e pertencimento na cidade. Assim, é possível compreender a cidade não apenas como um espaço físico, mas como um lugar habitado e construído por múltiplas narrativas e subjetividades, que moldam e são moldadas pelo espaço urbano em constante transformação.

Ao encontro das águas: percurso, experiências e narrativas urbanas

A caminhada exploratória foi dividida em dois trechos, no primeiro dia um sábado à tarde nublado, com temperaturas amenas, às vezes nos deparamos com uma breve garoa fina, mas nada que intimide os caminhantes. No segundo dia, numa quinta-feira com sol entre nuvens pela manhã, partimos em direção ao restante do trecho, dividido entre um momento nublado e outro de pleno sol. A proposta é seguir em direção ao Pontal ou Ponta do Estaleiro como originalmente é conhecido por abrigar durante várias décadas o Estaleiro Só, partindo do Pórtico Central do Cais Mauá, dois locais que contam muito sobre a história, cultura e sua relação com águas do Guaíba e a capital gaúcha.

Na América do Sul, caminhar significa enfrentar muitos medos: medo da cidade, medo do espaço público, medo de infringir as regras, medo de apropriar-se do espaço, medo de ultrapassar barreiras muitas vezes inexistentes e medo dos outros cidadãos, quase sempre percebidos como inimigos potenciais (CARERI, 2013, p. 170).

Partindo do centro histórico da cidade de Porto Alegre, mais precisamente do pórtico central do cais Mauá, seria simples, pois todas as ruas nasceram a partir da orla e nos levariam direto ao ponto inicial. Eis o primeiro obstáculo, uma barreira física, o muro da Mauá, estrutura de proteção para enchentes, tendo sua construção finalizada em 1974, com 6 metros de altura, 3 metros abaixo do solo e 3 acima dele, representando o maior empecilho na relação do pedestre com parte deste trecho da orla. Além disso, existem os trilhos do trem, este que liga a capital com sua região metropolitana, tendo uma grande importância na mobilidade urbana local. Logo em seguida, iniciando o percurso, encontramos o pórtico central do Cais Mauá, no eixo da avenida Sepúlveda, juntamente com seus grandes armazéns, e guindastes gigantes, que são tombados como patrimônio histórico nacional e municipal, completando seu centenário no ano de 2021, eternizam a paisagem da capital gaúcha. Sinais de abandono do cais refletem no lago Guaíba ofuscando o tradicional pôr do sol, região cada vez mais cobiçada da cidade, oscilando entre o abandono e o aumento do interesse comercial.

Com a tentativa de chegar mais próximo ao Guaíba, adentramos ao portão em direção ao pórtico central, enfrentando o segundo obstáculo. A esquerda não é possível seguir, segundo informações da segurança do local. Já a direita é possível, mas só metade dele do passeio, já que existe uma tela onde não conseguimos chegar perto dos armazéns, dividindo o acesso. Alguns metros à frente encontra-se um píer para se tomar barcos turísticos que fazem passeios pelo rio, sem nenhuma estrutura. Lembrando que a tarde estava nublada, com algumas pancadas de chuvas, e o local não tinha nenhuma espécie de abrigo para a espera dos barcos. O abandono é evidente nesse trecho, mesmo tendo todo seu potencial turístico. A vocação da área para a cultura e o lazer, possui um enorme potencial para as diversas possibilidades de usos e espaços, permitindo ressaltar a arquitetura histórica e o patrimônio ambiental, ressaltando suas características originais, com integração da orla do Guaíba ao centro histórico.

Voltando ao pórtico, é necessário sair e buscar a via, em um passeio estreito e restrito. A insegurança e o medo imperam. Estamos caminhando entre uma avenida expressa movimentada, com poucas faixas de segurança para pedestres e o muro. Há um duelo entre o caminhante e a intensidade da cidade, ora caminha-se na via, ora no passeio desgastante da interação. Mesmo assim seguimos adiante pela calçada que acomoda parte do muro decorado pela prefeitura, com fotografias de personalidades da cidade, propagandas comerciais luminosas e muito mal gosto. O piso irregular em alguns momentos pede a atenção do caminhante. Sinalização, abrigos do ponto de ônibus,



uso, no projeto que produz segregação, exclui de certas camadas da população, dividindo no desenho que induz ao consumo, restringindo públicos.

Alocação desta obra provoca uma visibilidade ao lugar, lugar que por quase três décadas não era conhecido da sua população. Hoje ela promove e fomenta investimentos para o local. Mas a qual preço a cidade paga com tudo isso? A visibilidade do lugar se contrapõe à invisibilidade aos olhos do cidadão comum, onde os muros e cercas escondem a ponta significativa da cidade da grande maioria.

De acordo com Alonso, a máquina patrimonial é um dispositivo que reconfigura a diferença e a organização da sociedade; mais orientado ao marketing e às economias do patrimônio do que à construção de comunidades imaginárias nacionais. Cria representações culturais de identidades locais para o consumo, mas faz que “os modos reais de existência por trás das representações se desvançam”. (BRAIS,2021).

Recentemente, um evento realizado nos armazéns do cais do porto atraiu a atenção de pessoas de todo o mundo. No entanto, muitos se perguntam para quem esse espaço realmente pertence e qual é a verdadeira intenção por trás da visibilidade concedida a um público específico em detrimento da maioria dos habitantes da cidade. Durante o evento, o trecho da cidade onde os armazéns estão localizados ficou praticamente isolado, levantando questões sobre a acessibilidade e inclusão democrática desse espaço público.

Há por parte do poder público em Porto Alegre uma espécie de domesticação, como tão bem cita FUÃO (2023) como a cidade sendo o *locus* da domesticação humana, vinda da domesticação da vida, da casa, do trabalho, do lazer, dos corpos e até do caminhar. Aqui a domesticação é uma espécie de controle sobre algumas zonas interessantes e atrativas em detrimento aos investidores. Conta-se o que reverbera o capital, exclui-se o que reverbera a Capital. Uma espécie de higienização de alguns sítios da cidade de forma intencional, vendendo um falso progresso.

Ao contrário, o ideal, como mencionado por Muxi e Montaner (2011), em um mundo cada vez mais globalizado, é necessário que cada cidade seja cuidadosamente definida, caracterizada e especializada para atrair investimentos e ser mais facilmente compreendida e gerenciada dentro das coordenadas da indústria e cultura de consumo. No entanto, se essa definição não for feita com cuidado, pode resultar na perda da história e memória da cidade, perda do sentido, além de impedir a exposição da sua originalidade, força e vocação. É preciso equilibrar a simplificação e objetividade com a preservação da identidade e autenticidade de cada cidade, para que elas possam se desenvolver de forma sustentável e respeitando suas raízes culturais e históricas.

Logo depois da Usina, o trecho 1 da obra de revitalização da orla para a copa de 2014, o Parque Moacyr Scliar, projetado pelo arquiteto Jaime Lerner, nos convida ao refresco do corpo e da mente. Não usufruindo as águas do rio, mas contemplando-o. Um respiro, no desenho rico em curvas, desníveis, amplitude, passarela sobre as águas, gramado que convida a sentar e esperar o pôr do sol para aplaudí-lo e se despedir de mais um dia em Porto Alegre. É neste trecho que se consegue a primeira aproximação pública com a borda, com o rio, com a praia. Sente-se o cheiro do rio, a temperatura da água, o toque na areia grossa que ali reside. Ali é o começo de nós, aflora o senso de pertencimento ao lugar, a apropriação de algo relacionado aos gaúchos. Algo de muito valor que o observador leva consigo, segundo o próprio Jaime Lerner, quando disse que a sensação de pertencimento é um fator fundamental para que o habitante se sinta feliz na sua relação com o ambiente construído.



dificulta a passagem de transeuntes, quiçá de cadeirantes, impossibilitando usufruir de um caminhar contínuo, restringindo direções. Outra questão importante desvelar é a poluição sonora do lugar, devido ao grande fluxo de carros, que disputa com o caminhante intensamente, demandando energia e desatenção ao caminhar fluído de um explorador.

Aproximando-se do final da retidão percorrida, eis uma certa receptividade. Vemos acessos a um estacionamento, que como o muro, divide o passeio da borda do rio, mais uma vez dificultando apreciar a paisagem natural da cidade. De gestão particular como alternativa aos usuários que pretendem visitar os arredores da Usina do Gasômetro, encontra-se o Cais Embarcadero. Ambos na borda da cidade, repousam sobre o sítio inaugural da capital. A Usina é uma obra marcante, cartão postal, que passa por uma restauração, tendo previsão da sua inauguração ainda neste ano de 2023. Mais a frente uma entrada para pedestre, pouco atrativa, com placas informando algumas regras, como a não entrada de alimentos e ou similares no local.

O Embarcadero é uma obra efêmera, de carácter exploratório por empresas privadas que cercaram o sítio estratégico, se apropriaram do lugar, estabeleceram regras de

Figura 2 - Entre o muro e o Guaíba - Cais Mauá. Fonte: autora, 2023. Figura 3 - Entre o muro e a via. Fonte: autora, 2023.



Figura 4 - Cais Embarcadero. Fonte: autora, 2023. Figura 5 - Orla do Guaíba - Trecho 1 revitalizado. Fonte: Autora, 2023.

Seguindo em direção ao ponto final do trecho, e logo depois do primeiro trecho revitalizado, nos deparamos com um vazio urbano, remetendo descaso e abandono urbano. O piso com marcas do tempo, vegetação alta, voltando de uma certa forma, a mesma sensação de insegurança do começo do nosso trajeto. O passeio mais solitário, verde, silencioso, triste, avistando adiante o antigo anfiteatro Pôr do Sol, palco de grandes espetáculos, que trazia cultura de forma democrática para toda população porto-alegrense. Ao final deste percurso brota a foz do Arroio Dilúvio brutalmente largado, em estado físico e sensorial. O cheiro forte impulsiona a acelerar o passo da caminhada tranquila até então. A passarela recebe a velocidade dos passos firmes e olhos atentos ao lugar, que lamenta o que vê.

Felizmente à frente surge o trecho 3 revitalizado, também projetado por Jaime Lerner, parque que recebe seu nome, aflorando e emoldurando uma permeabilidade visual da borda, respaldada por uma concretude que ofusca os dias mais ensolarados. A aridez se estabelece pelo concreto e pela pouca vegetação, em contraponto à arborização massiva do vizinho Parque Marinha do Brasil. Os dois parques estão separados pela Avenida Beira Rio, uma via movimentada, que em finais de semana e feriados

é fechada para os carros, integrando os dois logradouros. De piso bruto, desníveis, quase nenhuma sombra, e muitas opções de equipamentos para práticas desportivas que contemplam a vocação do Parque Jaime Lerner, o espaço de borda apesar de ser muito natural, não convida à aproximação do rio, nem mesmo para caminhar. É estranho, parece inseguro, é impeditivo. Talvez pela barreira natural, e pelos avisos de alta profundidade do rio, e mais uma vez nos distanciando do Guaíba, mas desta vez não por uma barreira física, mas sim, por uma barreira subjetiva de desconfortos incômodos.

Caminhando adiante pela avenida, o passeio se torna novamente solitário, deixando para trás a visão do rio obstruída pelas construções de posse do Sport Clube Internacional. De repente o rio surge novamente na borda de vegetação alta que isola e evita o vínculo, trazendo mais um vazio urbano, deixando para trás toda sua vitalidade. Logo à frente à esquerda, avista-se o prédio da Fundação Iberê Camargo, algo instigante, imponente concretude que descansa e compartilha a borda com o caminhante. À direita o rio oferece o frescor do vento que bate no rosto e faz lembrar que as águas estão ali, como refresco para o corpo, a mente e o espírito. Deste lado

Figura 6 - Parque Jaime Lerner. Fonte: autora, 2023. Figura 7 - Parque Ponta do estaleiro. Fonte: autora, 2023.

a costa é verde, tem balanço e recente revitalização sutil. Do outro lado da via, a Fundação Iberê Camargo, edifício projetado pelo arquiteto Álvaro Siza, exibindo suas linhas curvas e retas, embelezando ainda mais o passeio.

Chega-se ao Parque Pontal, uma ponta da capital devolvida aos gaúchos - muito se quer sabiam de sua existência. Lugar de imenso contraste, diria angustiante. A construção de investimento privado, revestido com pele de vidros espelhados tocam a alma, pois fere a imponência do rio. Ele é uma obra divina. A costa agoniza por permeabilidade, merecia ser contemplada por um projeto leve, identitário, singular, que valorizasse realmente a força do lugar. Ter hoje a história exposta em equipamentos visuais, é uma forma superficial que justifica o errôneo projeto. O Parque Pontal entregue para a população, forçadamente pelo poder público, motivada pela mobilização de pessoas engajadas com a cidade, ameniza o quadro de dor, na ponta que recebe o caminhante que vai em direção à zona sul da capital. Alguns equipamentos, pista de caminhada, prainha, estação de embarque e pier revitalizado, aproximam de certo modo as pessoas da borda e do convívio com o rio, amenizando a percepção do projeto nada sensível de cunho capitalista. de grande impacto negativo no que tange a naturalidade de uma cidade costeira por água. Quando se espera projetos em que os elementos naturais devem ser constituintes, agregadores, protagonistas e relevantes no desenho, potencializando a relação com os usuários da cidade.

Considerações finais

Ao caminhar, nosso corpo e mente se alinham em busca de explorar, perceber, produzir significados e formar conceitos sobre o trecho percorrido. Como arquitetas e urbanistas, devemos levar em consideração a perspectiva apresentada por Lynch (2011), que ressalta que a percepção mental do indivíduo, suas avaliações e preferências sobre o ambiente, são subjetivas e socioculturais e não representam a cidade como um todo. No entanto, indivíduos que compartilham situações semelhantes no tempo e no espaço, como os habitantes de uma cidade, tendem a formar imagens mentais semelhantes. Dessa forma, as conclusões alcançadas por esses indivíduos podem ser consideradas observações relevantes sobre o local de origem da cidade. Durante nossa caminhada, percebemos o abandono e a exclusão que o muro impõe aos usuários do centro da cidade. A decoração comercial do muro também limita ainda mais o espaço destinado ao caminhar. À medida que avançamos, o espaço restrito e comercial se torna mais intenso e o rio se torna invisível para o cidadão comum, o que é lamentável. No entanto, há esperança de que a usina, com sua imponência, possa ser revitalizada e trazer de volta um estado contemplativo e emergente à borda original. Infelizmente, a permeabilidade prevista por Lerner aos transeuntes - a pé ou de automóvel - está sendo perdida aos poucos devido às incisões comerciais e leigas na área.

Constata-se a premente necessidade de uma análise minuciosa no tocante à rótula entre os trechos um e três, haja vista a exigência de uma intenção projetual consistente no que tange à conexão do local. É imprescindível a participação e/ou supervisão dos discípulos de Lerner na elaboração do desenho, a fim de garantir a continuidade e fluidez entre os mencionados trechos. Ademais, é necessário considerar a relevância da Foz do Dilúvio no contexto do lugar e da cidade, que se encontra em um estado de carência no que concerne a respeito e bom projeto. Observa-se a ausência de uma conexão mais robusta entre os parques paralelos Jaime Lerner e Marinha do Brasil. Durante o percurso, é perceptível a vocação independente de sombra e concretude em ambos os parques, sendo, portanto, necessário conectar e promover uma maior inter-relação entre eles. Ao percorrer a zona utilizada pelo Sport Club Internacional, indaga-se acerca da apropriação privada no local, que produz não somente uma barreira visual, mas também uma dificuldade no contato com a borda. Sugere-se, então, a

construção de uma passarela que contornaria a área, proporcionando ao pedestre a opção de aproximação do rio, fomentando um contato instigante e rico com a água e a natureza da capital. Além disso, é importante realizar algum beneficiamento nos arredores do Iberê, que desde sua inauguração apresenta problemas no desenho do local, a fim de oferecer um outro belíssimo ângulo do pôr do sol.

Ao chegar ao Pontal, a ponta até então desconhecida pelos habitantes da cidade, as caminhantes encontram-se no pier, praticamente dentro do rio, contemplando a cidade e refletindo profundamente sobre suas percepções. Em resumo, surgiu em suas mentes uma falta de conexão e coerência projetual que as levou a compreender que a cidade cresce em direção à produção de uma imagem atrativa para investimentos de capital, proclamando-se como a melhor para negócios. No entanto, enfatizamos que o verdadeiro negócio de uma capital é contemplar todos os seus habitantes, com investimentos que abranjam todas as camadas sociais e promovam uma simbiose vivencial positiva entre elas. Isso requer um arranjo complexo e coletivo que leve em consideração as pessoas que constroem e mantêm a cidade - a humanidade.

Este artigo é o resultado de uma jornada que visa iniciar uma discussão sobre a nossa identidade enquanto habitantes urbanos. Ao assumirmos o papel de observadores críticos, podemos nos tornar agentes de mudança na cidade, questionando seus acertos e problemas do dia a dia. Nós, os caminhantes, trazemos tópicos e questões para serem refletidos pelos leitores, com o objetivo de incentivar cada um a refletir sobre sua própria identidade e a contribuição que oferece para a construção dessa cidade em constante transformação.

Referências

- BRAIS, Estévez. *Fugividade na cidade patrimonial: a Perícia Popular no Centro Histórico de Salvador, Bahia*. Revista Dialnet. Vol. 4, n.º 15, 2021.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. [Tradução Frederico Bonado] 1 ed. São Paulo: Editora G. Gill, 2013.
- CASTELLO, Lineu. *A Percepção do Lugar*. Porto Alegre: PROPAR - UFRGS, 2007.
- FUÃO, Fernando Freitas. *Arquitetura e Domesticação*. 2023. Disponível em: fernandofuao.blogspot.com. Acesso em: 20 abr. 2023.
- HASHEMNEZHAD, Hashem *et al.* *Sense of Place e Place Attachment: um escudo comparativo*. Revista Internacional de Arquitetura e Desenvolvimento Urbano, Irã, v. 3, n. 1, p. 05-012, 2013.
- JACQUES, Paola Berenstein. 2012. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. 3. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011.
- MERLEAU-PONTY. *Estrutura do Comportamento*. Interlivros, 1975.
- MONTANER, J. M.; MUXÍ, Z. *Arquitetura e Política: ensaios para mundos alternativos*. São Paulo: GG, 2014.
- ORLANDI, Luiz. *Um gosto pelos encontros*. 2014. Online. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/29/um-gosto-pelos-encontros-luiz-orlandi/?fbclid=IwAR0cn5MrZn18dJg8aZxZ-fw93imWmGYcW6MzDFiRHmU7yslwGq0RbQRoi0A>. Acesso em 17 março de 2023.

ROMAGNOLLI, Luciane. *Felicidade é pertencer à cidade*. 2007. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/felicidade-e-pertencer-a-cidade-amvro505kby2vc3ubkw3ylz66/>. Acesso em: 15 abril. 2023.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.